

O DIÁRIO DE ELIZABETH

Alexandre Neres

Minha bisavó costumava me contar histórias sobre criaturas que ali na floresta habitavam, umas com boas intenções e outras o oposto; eram histórias magníficas, elas, as criaturas, eram complexas e não eram conhecidas pela nossa sociedade. Minha avó partiu no ano de 1981, quando eu tinha apenas 9 anos, a história que vou lhe contar é uma de quando tinha apenas 13 anos de idade e morava com minha família.

Na época morava na minha casa 6 pessoas, minha mãe que amava cozinhar, meu pai (que estava á sair á trabalho), minha irmã (que tinha 9 anos de idade), meu primo (que tinha 6 anos de idade), e eu (Elizabeth Wagner). Eu amava histórias do tipo de fantasia ou que incluía algo de ficção ou mágica, conseguia imaginar aquele mundo sendo real, e me iludia com tais histórias; minha música favorita era “Running up that hill” da Kate Bush, escutava toda hora, principalmente enquanto lia meus livros.

Minhas bisavós eram da Alemanha, meu tataravô (Richard Wagner), compositor e criador da famosa ópera “Cavalcada das valquírias”, casou-se com minha tataravó Martha Ludwig Stein aos 22 anos de idade, e tiveram 3 filhos, Evelyn Wagner, que era uma menina-prodígia em composição de músicas; Friedrich Wagner que era um mecânico de carros e Albert Wagner, um escritor famoso em sua cidade por seus ótimos livros de romance, um desses filhos, “Friedrich Wagner” casou-se com uma moça rica chamada de Bella Diehl Hoffman; e mudou-se para as Américas aos 32 anos, onde hoje se encontra a cidade de St.Louis. Lá, se originaram meus avós e meus pais, em um enorme casarão no meio de uma floresta escura; lugar onde eu nasci.

“Poucos acreditarão em minha história, pois nem os mais próximos á mim acreditaram em meu conto”

Era apenas mais uma manhã comum daquelas frias, úmidas e aconchegantes em um sábado chuvoso, poucos dias antes desse sábado, foi dito em minha escola que haveria uma espécie de recesso escolar devido a uma tal reforma; então tínhamos uma espécie de feriado nas próximas 2 semanas.

Acordei, sai de meu quarto e fui logo ao banheiro escovar meus dentes e pentear meus cabelos, desci as escadas para a cozinha as exatas 6h e 30 min do dia de 27 de outubro de 1985, quando desci, vi que minha estava preparando um café com waffles; para esperar os waffles, sai para o quintal onde havia uma incrível vista de frente para enormes árvores (pinheiros) que ficavam ainda mais lindas quando nevava; claro que era proibido a entrada na floresta, pois era uma floresta enorme, e podia me perder ou ser encontrada pelos lobos que habitavam

ali na região (dizia minha mãe), então, junto à construção da nossa casa, minha família construiu uma enorme cerca que dividia o lado “perigoso” da floresta, da floresta que ia em direção á St.louis, mas naquele dia, vi algo que nunca havia visto na minha vida, a cerca estava desmanchada perto de onde ficava a casa do nosso cachorro (Max), era como se algo mais cedo, tivesse entrado pela brecha, mas como eu era ingênua e uma criança, não pensei que isso fosse grande problema ou algo estivesse errado, então entrei pelas portas dos fundos, peguei um dos livros da coleção de meu pai para passar o tempo e li o “night, mother”, livro de Marsha Norman, e sentei-me na mesa da cozinha para lê-lo. Me lembro de ter lido até a pagina 29, quando minha mãe nos chamou para o café da manhã, sentei-me na mesa e logo vi meu pai (todo arrumado para sair á trabalho), minha irmã (com a cara de sono de sempre) e meu primo (com seus brinquedos de índios); todos sentaram-se á mesa e começaram a comer o café da manhã, meu primo até disse ter visto um ninho de “bem-te-vi”, um pássaro que era extremamente incomum de se encontrar na região, estava tudo normal até ai, isso até... eu comentar sobre a tal brecha na cerca.

Meu pai se levantou da cadeira e foi correndo em direção ao porão, já minha mãe de repente começou a abrir todo os armários e portas da casa, olhei para trás e vi meu pai subindo com diversas ferramentas e pedaços de madeira refinada, ele foi correndo em direção á brecha e começou fechar (de forma “deseixada” pois estava quase na hora dele partir) a brecha na cerca, já minha mãe havia aberto todos os moveis e armários que haviam na casa, eu não sabia oque estava acontecendo e não tive coragem de perguntar a minha mãe o porque tal pressa e desespero, então fui á sala de estar onde se encontrava meu primo (que havia acordado mais cedo) e perguntei se havia visto algo estranho com meus pais de manhã, ele logo respondeu que não, o que sinceramente, não sei se me aliviou ou piorou minha preocupação; logo após fechar o que havia aberto, minha mãe veio me perguntar se havia visto algo á mais quando vi a brecha, e disse que não. Dali em diante minha mãe subiu e foi ao porão, e não falei mais com ela; quase morri de curiosidade, fiquei a tarde inteira me coçando, quase não consegui ler de tanta curiosidade, até que me surgiu a incrível e incompetente ideia de “ver mais de perto a floresta”, então, como ia descumprir tal “lei” da minha família, comecei a planejar minha fuga, isso porque precisava sair antes da 7h e voltar o mais cedo possível, isso tudo sem fazer nenhum barulho.

Desci as escadas de fininho, abri as portas dos fundos, e fui rumo a floresta, mas... de longe vi uma espécie de vulto, siando pela mesma brecha que vi mais cedo, só que... ela estava totalmente aberta de novo, a princípio, pensei que era Max saindo pelo mesmo motivo que eu, “curiosidade”; fui em direção a brecha, e logo após atravessar a brecha, veio a mim um ar puro como o de uma flor em um enorme campo aberto cheio de arvores, quando cheguei ao outro lado, me deparei com uma ponte de madeira, antiga mais ainda intacta, ela cruzava um pequeno rio e ia em direção á um grande caminho de terra que nos guiava através daquela floresta imensa, é claro que já que logo após atravessar a brecha, já que vi o vulto (que pensava ser o Max) entrando entre as arvores, fui logo em sua direção, chamando pelo seu nome:

-Max, volte aqui Max! – e ele não me respondia nem latia de volta.

É claro que isso me deu mais medo e preocupação de que aquilo podia não ser quem eu estava pensando, ou “oque” estava pensando, fui entrando e entrando, e cada vez ficava mais escuro, estava longe já de casa e sabia disso, chegou uma hora que tive de correr pois quase perdi de vista o suposto vulto, até que... uma hora ele parou, logo em frente á uma rocha, que estava em uma área circulada de arvores extremamente altas, mas que tomavam uma certa distancia da rocha que se encontravam entre elas. Me aproximei lentamente e sorrateiramente para não ser visto por oque quer que fosse aquilo, me escondi atrás da arvore mais próxima o possível da rocha, e fui aos poucos pegando visão da rocha, até que escutei um uivo de lobo altíssimo vindo daquela mesma direção, então comecei a tentar ver oque estava realmente encima da rocha mais rápido, e vi... . Presas enormes, olhos brilhantes e gigantes, orelhas que mais se pareciam com chifres, uma quantidade enorme de pelo e pelo menos 2 metros e meio de altura. Oque era aquilo?!?!?!?!?!?



Era horrendo e macabro oque estava logo a minha frente, nunca havia sentido tanto medo como naquele momento em toda a minha vida. A única pergunta que vinha a minha cabeça era:

-O que diabos é isso?!

Cap. II – o Lobisomem

Era inacreditável, como algo gigantesco e tão terrível como aquilo poderia existir? Estava pasma, e paralisada em frente a tal criatura, meu cérebro não conseguiu encaixar os fatos a tempo, a criatura em resposta a o uivo de lobo, uivou de forma ainda mais alta e ensurdecidora (contando como se ela estivesse ao meu lado), eu estava sem ideia e noção do que fazer, estava perdida em meus próprios pensamentos e premonições, ficava imaginando e pensando como e quando iria morrer “então hoje é o dia em que morro?”, “por que morrerei tão cedo?”, estava totalmente desnorteada, isso só pelo fato de ter visto uma criatura de meros 3 metros de altura, estava tudo ocorrendo dentro de minha cabeça, as imagens e premonições, isso até me descuidar e pisar em algo que não consegui ver a tempo o que era, mas fez barulho o suficiente para atrair a atenção da criatura; ela foi vindo em minha direção, de forma em que parecia mansa e cautelosa, mas de forma alguma era aquilo, ela estava me procurando pelo cheiro com seu enorme nariz, e as patas estavam com as garras erguidas e prontas para uma longa caçada que exigisse a velocidade da criatura, o monstro tinha uma postura irregular e era totalmente e absolutamente silenciosa, tinha cuidado para cada passo que dava, tentei me distanciar, ia de árvore em árvore até sair da área em que a criatura estava, mais o olfato dela era muito bom, e foi lentamente me acompanhando, não me deixando a oportunidade nem o descuido necessário para a minha fuga daquele lugar, até que... percebi que o monstro estava cada vez mais perto, então a única coisa que vinha à minha cabeça era “corra! agora!”.

Comecei a correr incansavelmente à uma direção que escolhi de forma aleatória, de fato, era a mais clara (a que mais havia luz), era a minha melhor opção, ou eu corria, ou eu esperava minha morte enquanto alternava de árvore em árvore, estava com calafrios e com os dentes batendo, não sabia diferenciar se era o frio daquela floresta coberta em uma nevoa espessa e escura, ou se era o meu desespero e medo que adentravam em minha mente junto a pensamentos irracionais que diziam que eu não iria conseguir ou que iria tropeçar em algum momento e ser pego pela criatura; em resumo, estava me alto-desmotivando de forma totalmente desnecessária e burra, continuei correndo, até que comecei a ouvir algo, como se fosse uma trem, uma som que me perseguia à quatro patas, vinha logo em minha direção, com sede de sangue, e com muita fome, como se não comesse a dias (a criatura era magra como se não comesse a dias), olhei para trás e vi que junto à criatura, vinha em sua boca um pássaro morto, coisa que antes não havia visto pois estava vendo a criatura meio que de “lado e de costas”; em meio à todo aquele desespero que estava vivenciando, vi enquanto corria uma árvore, árvore na qual a raiz estava exposta, formando em sua parte de baixo uma espécie de buraco natural, em que podia me enfiar e me esconder, dei meia volta, vi de longe dois pontos amarelos, brilhantes como o sol, vindo em minha direção a toda a velocidade, com uma clara intenção de matar, e pulei

logo embaixo da raiz, fui escutando algo se mexendo como um raio passando correndo em frente á árvore, sem conseguir me farejar a tempo, pois estava á alta velocidade, a única coisa que vinha a minha mente naquele momento era que se eu não tivesse encontrado ou visto esta raiz, a criatura teria me apanhado sem dúvidas, logo sai do buraco (porque sabia que uma hora a criatura daria meia-volta para me encontrar pelo cheiro), e corri na direção oposta da que a criatura foi, corri como se dependesse de minha vida (e dependia), e fui a procura do caminho que ia para a ponte:

- Só quero ir para casa. – Dizia eu para mim mesma.

Estava tensa, mas começando a ficar menos preocupada em relação a ser comida por um lobo gigante, isso até... me deparar com outro lobo daqueles, logo a minha frente, no começo, só eu havia visto ele, mas era como se, quando eu vi ele de longe, freei tão forte com minhas pernas, que cai feio no chão, o que fez um barulho alto o suficiente para assustar todos os pássaros que estavam á dormir nas árvores acima de minha cabeça, e chamar a atenção do outro lobo, que já vinha correndo de volta para mim, já que não tinha tempo nem de pensar, e nem de procurar outro abrigo, corri de volta para aquele em que já estava, pois não conseguiria fugir de 2 lobos ao mesmo tempo, pulei com poucas expectativas de sobrevivência naquela raiz e esperei a morte certa, naquele momento, o que mais me deu medo, foi o fato de que simplesmente do nada, tudo ficou extremamente quieto, mas ao mesmo tempo senti que eles estavam lentamente e aproximando, aos poucos... fui vendo a cabeça de um deles, (provavelmente o primeiro que começou a me perseguir pois era mais magro) se aproximando, aparecendo lentamente as bordas do buraco da raiz, como em um filme de terror, os dentes se batiam, cortando a própria boca, saía uma quantidade exagerada de saliva de sua boca, como se estivesse prestes a comer, seus olhos brilhavam como o fogo, parecia que lia minha mente, via meu desespero, e em troca dava um sorriso leve de malvadez, ele rosnava, em forma de ameaça, dizia a mim e a si mesmo que iria definitivamente me matar, naquele momento até parei de ter as más premonições, pois sabia que a morte era certa, isso até que... comecei a ouvir milhares de uivos (como se existissem milhares daqueles e mais criaturas ainda), e uma forte luz azul que fez o lobo se virar e começar a uivar junto á seus colegas (algo que o assustou), ele começou a se afastar lentamente e recuar a toda á velocidade de volta de onde veio, eu como estava quase tendo um ataque cardíaco, senti uma sensação de alívio tão forte, mas sabia que ainda não tinha acabado, as sensações se misturavam, medo, alívio, preocupação, angústia, e etc. Não tinha intenção, mas aos poucos fui involuntariamente fechando meus olhos, até adormecer.

Cap. III – A Floresta.

Quando acordei, olhei em meu relógio (que estava rachado no meio, e por pouco funcionava) e eram exatamente 11h da noite, estava preocupado em relação à minha mãe brigar comigo por eu ter chegado em casa tarde e sumido,

mas isso era totalmente irrelevante e levar em consideração que poderia ter morrido (e ainda podia morrer); lentamente comecei a me levantar do buraco em que havia adormecido, estava tonta e exausta de tanto correr e cair, no começo, quando sai debaixo da árvore, estava caminhando mancando, mas aos poucos fui me recuperando, a única coisa que vinha em minha cabeça era que só queria voltar para minha casa, para meu quarto, para minha cama, com meus brinquedos, livros e a comida deliciosa da minha mãe:

-Ah..., como eu gostaria de uns waffles agora. – Dizia eu para mim mesma.

Daí em diante, caminhei por no mínimo uns 10 minutos, até o momento em que vi algo azul brilhando em uma determinada área da floresta (o mesmo brilho que afastou o lobo), e pensei, se essa “luz” afastou aquele monstro, não consigo nem imaginar o que poderia ser, no momento pensei imediatamente em correr sem parar, mas algo entrou na minha cabeça, uma música?!, uma junto a uma voz doce e afeminada, me dizia para chegar perto, para encontrá-la, -Siga a luz!, dizia ela, e não dava para ignorar ou desobedecer, era tão viciante aquela voz, chamava pelo meu nome:

-Elizabeth... Elizabeth... Siga a luz...

Eu, involuntariamente, comecei a ir em direção á luz, mas no fundo, eu queria muito ir, eu confiava naquela voz, ela aliviava e acalmava meus pensamentos, inibia minha dor na perna e meus maus sentimentos, apagava minhas preocupações e distorcia a minha noção de espaço e tempo, era como se estivesse sonâmbula, eu sentia que precisava ir em direção á luz, “pode ser que ela que me salvou” dizia eu em minha mente, quanto mais me aproximava mais a música aumentava, chegou ao ponto de eu começar a ver algo parecido com esporos azuis no ar, comecei a ter visões de animais fantasmas, talvez animais falecidos?, e quando cheguei no centro da luz... vi ela...



Ela era linda... sua luz, sua aura se sincronizava diretamente com a lua, vou chama-la de “o cervo da lua”, como minha própria experiência, digo que é a personificação de um deus, a criatura mais linda que já vi em toda minha vida, brilhava como um rubi azul, puro como o ar, cheiroso como um perfume de rosas, brilhava junto a lua, e digo que seu auge foi junto ao auge da lua, a meia noite, seus chifres se estendiam até o meio das árvores, havia pássaros em seu topo, folhas, VIDA nascia em seus chifres, eu diria a própria personificação da mãe natureza, um anjo das árvores, uma guardiã das terras, uma deusa da lua, linda como Afrodite era descrita em seus contos mitológicos, sua voz entrava em nossa cabeça mais suavemente de como o som entrava em nossos ouvidos, junto a sua voz vinha uma melodia, uma mistura de sons naturais, sons tirados de outros sons naturais, mas não eram aqueles, eram uma espécie de paródia, mais suave e leve, aconchegante e acolhedor, me acalmava mais que um daqueles chás de morango em um dia frio, sua voz me esquentava, me aquecia, como se estivesse sentada na poltrona de meu pai lendo mais uma história daquelas incríveis que meu pai guardava, como se estivesse lendo ao lado daqueles aquecedores; seus olhos eram formados por pigmentos azuis, formados por ramificações daquela aura azul que se espalhava pelo ar como o vento, mas na prática aquela criatura não tinha olhos, os chifres iam crescendo pouco a pouco, uma mudança quase imperceptível; ela me pedia para ir conosco, sua linguagem era formal, direta e objetiva, ela estava a me levar para casa, eu sentia isso, fiquei ao lado dela, como se estivesse ao lado de minha mãe, me sentia segura e protegida ao seu lado, fui acompanhando-a através daquela floresta escura que ia se iluminando com sua presença, pouco a pouco, ao decorrer do caminho, vi criaturas encapadas, transparentes também, mais escuras e amedrontadoras, tinham um sorriso enorme cheio de presas, eram como sombras que tomaram vida, mais à frente, vi que haviam também homens com lanças, metade com o corpo de cavalo, e metade com o corpo de homens; vi diversas criaturas ao longo do caminho, coisas que antes dessa floresta não achava que era possível tais criaturas existirem, a pergunta que mais vinha à minha mente era:

- A escola, os livros, as pessoas mentiram para mim a vida toda?

O cervo me levou de volta à ponte, era algo em torno das 0 horas, os chifres e a luz do cervo pararam de aumentar, e ficaram totalmente estáticos, o som que o cervo emitia também parou de aumentar aos poucos:

-Vá criança... Volte para sua casa... – Disse o cervo.

Atravessei a ponte, e quanto mais ia para o outro lado da ponte, mais aquele ar puro ia se esvaindo, e daí veio à minha cabeça “oque tem nessa floresta, que não tem nas demais florestas? Talvez fosse porque, era um lugar oculto dos humanos, e os que entram normalmente não saem para contar história. Quando olhei para trás após atravessar a ponte, o cervo havia desaparecido, como se só os que estivessem do outro lado, pudessem vê-lo, ou até mesmo ele escolhia quem podia vê-lo.

Cap. IV- o Inacreditável.

Pulei a cerca, meu cachorro “Max” estava dormindo dentro de sua casinha, a brecha ainda estava aberta, e nada parecia ter mudado desde que eu sai; a única e pior coisa foi o fato de que, o pássaro que o lobo que me perseguiu estava mastigando, era a mãe do ninho de bem-te-vi que meu primo encontrou, os ovos estavam todos despedaçados e quebrados, aquele monstro sem piedade comeu tudo que havia naquele ninho, nem sei como o Max conseguiu sair vivo daquela situação, e não tinha a menor ideia de como iria contar para meu primo de 6 anos de idade que um cachorro gigante magico destruiu o ninho de pássaros, estava com muita dor de cabeça então fui logo dormir.

Sonhei com o rosto horrendo daquele lobo, era terrível, acordei no mínimo 5 vezes durante a noite, acordava toda vez que o lobo me pegava, me alcançava, e ele sempre me pegava, teve apenas uma vez em que consegui me esconder embaixo daquela árvore, mas dessa vez, a luz azul não apareceu, e o lobo conseguiu me apanhar

Acordei cedo, suando, tremendo, e ainda com dor de cabeça e sono, desci as escadas exatamente as 8 horas da manhã, minha mãe curiosa até perguntou o porque dormi 2 horas a mais hoje, falei que acordei 6 horas mas decidi dormir um pouco mais dessa vez, ela acreditou e voltou a fazer um pudim para o nosso café da manhã, sai para o quintal dar uma olhada naquela brecha, e me deparei com meu primo de joelhos chorando enquanto olhava para o ninho despedaçado, fui correndo chamar a minha irmã para contar para os 2 o que tinha acontecido, entrei em casa, fui ao quarto dela, falei que tinha uma coisa para contar, ela botou seu casaco e toca, e desceu comigo.

Comecei a contar tudo para minha irmã que era mais velha, e ela começou a debochar e rir de mim, principalmente na parte do cervo, ela caiu totalmente na gargalhada, e disse em voz alta que eu sou muito engraçada, logo após uma serie de risadas pegou sua boneca, disse que gostou da minha história, e entrou novamente em casa; Quando me virei para tentar contar tudo para meu primo, vi ele entrando chorando e com uma cara de quem estava com muita raiva do que ocorreu, eu nem consegui explicar como o ninho foi quebrado, entrei em casa dizendo:

-Eu vou provar para todos o que eu vi!

Subi as escadas em busca da câmera fotográfica de meu pai, peguei um bloco de anotações, 2 cores de caneta, e uma grande papel em branco (um papel grande que dava pra usar como um molde de mapa),então dobrei meu moletom, e fiz uma bolsinha de canguru com essa dobra para poder descer sem comprometer minhas mãos, fui para meu quarto, peguei uns brinquedos que iria botar em doação (a maioria dos brinquedos eram rosas e cafonas coisas de criança que minha irmã não quis guardar no armário de brinquedos dela), peguei todos eles e botei na minha bolsa de canguru, fui para o outro canto do quarto e peguei minha mochila rosa que ficava pendurada em um ganchinho de ferro que meu pai botou atrás da porta do meu armário (eu tinha tantas roupas que não cabia uma mochila), e botei todos os meus supostos “utensílios” para proteção e localização dentro de cada “compartimento”, ou bolsinho da mochila, então,

dei uma parada para respirar e desci na cozinha de fininho para minha mãe não me escutar, e peguei uma panela que cabia em minha cabeça como meu pai tinha saindo de carro e sempre deixava seu capacete de moto no porta-malas, tive de usar uma panela como meio de proteção, fui mais para a direita da ilha que ficava no meio da cozinha e peguei uma faca de cozinha, e uma mini lanterna amarela que minha mãe guardava na ultima gaveta debaixo do armário de biscoitos, quando fiquei totalmente pronta, a única coisa que faltava era esperar o anoitecer e passar pela brecha, então eu subi, escondi minha mochila debaixo da cama, desci de forma disfarçada e peguei um livro aleatório para passar o tempo até o café da manhã.

Estava lendo novamente o livro “night, mother”, que inclusive, é um ótimo livro, quando minha mãe grita:

-Café da manhã!

Todos da casa foram descendo as escadas, menos o meu primo, que quando fui verificar estava com a porta do quarto trancada, fiquei preocupada, mas tinha problemas mais importantes para resolver, e se tivesse contado sobre meu primo com a porta trancada, ela iria ficar mais atenta, o estranho é que ela nem notou a falta do meu primo durante as refeições; desci, tomei o café da manhã como se tudo estivesse normal, subi, esperei o almoço escutando minhas músicas, comi tudo o que dava para comer no almoço (que era salada com carne) e já subi fingir que fui tirar uma soneca até as 6 horas da tarde.

Cap. V – O Rei da Montanha

Estava preparada e confiante dessa vez, peguei minha mochila embaixo da cama e descendo bem devagar, sem nenhum barulho... até que... no meio do caminho para a brecha... vi meu primo incendiando todas as bonecas da minha irmã, não tinha tempo para falar com ele, fui correndo para a brecha antes que minha mãe descesse por causa da fumaça. Passei correndo pela ponte, e comecei a jogar no chão os brinquedos cafonas para marcar por onde passei, anotei com minha caneta azul tudo o que podia memorizar da floresta, e anotei com minha caneta vermelha o que eu percorri desse caminho.

Andei por muito tempo, estava marcando cada metro que andava, cautelosamente, sabia que devia ter as fotos de forma rápida, por que quando anoitece, as coisas saem do meu controle e cautela, tudo vira questão de sorte, e não é todo dia que se tem sorte.

Cheguei em um lindo lago com uma rocha em seu meio, só que... havia algo de errado com aquele lugar, o ar... tinha um cheiro diferente, então, uma moça... com um cabelo longo e preto começou a sair, lentamente da água, começou a subir na rocha, e se acomodou de uma forma um tanto “incomum”, quando ela levantou as pernas, era uma nadadeira ao invés das pernas, Uma sereia?!?!

-Ora só, uma pequena criança, o que faz aqui pequena? Você parece tão exausta... dê um pequeno mergulho nessa água deliciosa na qual eu protejo.

Tinha algo muito errado, ela foi muito objetiva, e deixou claro que quer que eu entre na água, uma água rasa dessas com uma rocha no meio?!

Peguei meu caderno, rasguei uma folha, fiz um barquinho, rasguei outra folha, cortei meu dedo com a borda do papel, e coloquei as gotinhas de sangue do meu dedo só por precaução no barquinho; de qualquer forma perderia muito tempo apenas para “mergulhar”. Quando eu botei o barquinho com sangue na água... Ele foi instantaneamente devorado por não sei quantas piranhas que no lago viviam...

Eu fiquei em choque, olhei para a moça e vi ela abrindo uma enorme boca cheio de dentes pontudos, igual as de um peixe, suas unhas eram afiadas e cortavam a própria mão.

-UMA BRUXA!

Seus cabelos flutuavam e ela não tinha pernas...

-O que é isso?!?!?!?



Até ia correr, mas vi que ela não podia sair do lago.

Quando de repente... correntes de metal extremamente compridas saíram do fundo do lago, que e revelou ser um lago profundo, no qual havia milhares de ossos no seu fundo, e milhares de piranhas que ali viviam.

-Uma ilusão!

Comecei a correr enquanto as correntes vinham me seguindo destruindo tudo... até árvores em seu caminho, corri e corri, tanto que em algum momento tropecei em alguma raiz que cruzava entre duas árvores, minha mochila que estava aberta caiu no chão com todos os brinquedos e a câmera fotográfica, peguei só a mochila e voltei a correr desesperadamente pois as correntes eram muito rápidas, e estavam muito perto:

-VOLTE AQUI PIRRALHA! – dizia a bruxa com uma voz amedrontadora e distorcida, implorando para que eu voltasse.

Até que ouvi um estrondo, um som de muitas árvores caindo e uma espécie de metal, rebatendo no chão... eu finalmente havia encontrado a distância máxima em que as correntes iam;

Quando me vi, estava novamente perdida, mas não mais entre as árvores, estava olhando para um enorme vale, que se estendia até uma montanha que se via distante da que eu estava.

Até que ouvi um estrondo, o chão começou a tremer e a belo vista que eu estava á olhar, começou a se transformar, as árvores estavam a se mover, o lago que dividia o vale em 2 pequenos litorais, começou a transbordar, engolindo a areia que os tornava “litorais”, as árvores começaram a sair do chão, algo grande estava acontecendo, tinha algo logo abaixo desse vale, “mas oque?!” eu me perguntava; parecia que a terra e as montanhas iriam desmoronar, a montanha no fim do vale, foi se dividindo no meio, como se o meio da montanha fosse um pedaço de uma enorme cauda, as árvores que estavam no topo daquela montanha, começaram a desabar e cair no vão aonde o buraco se abriu.

E então, 2 grandes chifres feitos de arvores, uma espécie de coroa magica que estava acima de um amontoado de crânios, um formato de uma cabeça constituído por uma rocha com 2 furos (que representavam os olhos), e um chifre feito de trocos, um parecido com um chifre de rinoceronte feito de outro tronco de arvore; uma enorme centopeia saia do solo através de levitação, com um corpo de milhares de milhas e pernas feitas de aço puro, o corpo era como uma grande coluna humana feita de uma mistura de ossos e rochas, e dois pequenos outros tronco de arvores que eram utilizados como braços principais, nos quais se apoiavam no monte em que eu estava.

A criatura era colossal, podia se dizer que facilmente “aquilo” dizimaria um estado inteiro em apenas um dia, a “coroa” que ficava na cabeça começava a girar e a brilhar cada vez mais, como se “aquilo” estivesse adormecido, e agora, com a minha presença, se levantou da terra. E então a boca se abriu, lotada de dentes formados por aço e minérios naturais, boca na qual poderia comer o topo do mais alto dos prédios em apenas uma mordida; A criatura soltou um enorme rugido, que só não foi escutado lá da cidade por causa que o som foi abafado pelas árvores, a criatura tinha como barba raízes de arvores, ela provavelmente estava adormecida a tanto tempo, que se conectou ao solo.



olhava para mim... aquilo realmente me deu medo...

-Uma garotinha nesse fim de mundo? – disse ele com sua voz grossa e colossal. -O que faz aqui pequena? Está perdida?

-O que é você?

-Sou um guardião... – Disse ele. -Governo essa montanha e esse solo em que habito, os antigos me puseram aqui para proteger estas terras da ganancia e egocentrismo dos homens, e estou aqui desde então.

-Estava correndo de uma bruxa e perdi meu mapa de volta, teria como me mostrar o caminho para casa?

-É claro, mas vejo suas intenções garota, quer expor minha terra, e só mostrarei o caminho de volta, se me prometer nunca dizer nada sobre isso até o momento de sua morte...

-Eu farei, prometo não expor esse mundo até o momento de minha morte.

-Então está dito...

A criatura abriu um caminho entre as árvores. E voltou para as profundezas da terra; segui o caminho até a ponte. Passei por todo o caminho em que havia passado anteriormente, vi a floresta de perto... sem medo desta vez; e digo que era linda.

Cheguei em casa segura, mas agora, com minha mãe sentada em frente a brecha, é claro que ela me deu uma “daquelas” broncas, me proibiu de entrar na floresta, e fechou a brecha.

-Eu prometo!

Não falei nada mais sobre o que ocorreu lá dentro, apenas escrevo esse livro, para publicar apenas após a minha morte, como a criatura me fez prometer.

O engraçado é que “Agora sou eu que contarei magnificas histórias para minha filha, neta e assim por diante”

Alexandre André Neres